

⑤

FPE_OPE_02-085

**Universidade de São Paulo
Faculdade de Educação
Licenciatura**

Transição e Filas

EDA 461 - Estrutura e Funcionamento da Educação Básica
Profº Moacir Gadotti
Estágio Realizado no 2º sem/1998
Turma 08
Lúcia Son

Transcrição 1:

FITA Nº 11.254.3(1)

Globo Ciência

Programa 607

Paulo Freire Especial

Tempo: 31 min 53 s

Direção: Mariangela Medeiros

Realização: ProVideo digital

A Fundação Roberto Marinho Apresenta: Globo Ciência

Paulo Freire: Para mim, por exemplo, uma, uma Educação correta, é a Educação, para esse país, é a Educação que se preocupa fundamentalmente com o exercício democrático, por exemplo. O que vale dizer é uma Educação que... que, que se funda na, na capacidade ou, na virtude ou, na qualidade que a gente tenha e que a gente testemunhe e desenvolva, da tolerância.

Tolerância

Leandra Leal: Globo Ciência Especial: Especial Paulo Freire, o mestre do diálogo...

Patrick de Oliveira: ... e também da política, da prática e do sonho. P.F. tem certeza de que todo mundo é capaz de aprender, todo mundo, entende, por isso, por seu pensamento, por sua teoria e seu método ele é reconhecido e premiado no mundo inteiro...

Jaime Leibovitch: ... mas também por isso foi preso, perseguido, exilado. O Brasil viveu sem P.F. durante longos 16 anos.

Leandra Leal: Uma informação pra vocês, e para o senhor também, professor P.F.: a turma do Globo Ciência quer lhes dizer que os programas de TV refletem um pouco a vida; veja o caso deste Especial: ele começou a ser gravado quando nós, essa turma aqui do Globo Ciência nem existia. Foi há 3 anos, em 1993. O Globo Ciência era outro...

Patrick de Oliveira: ... mas o programa estava lá, em Angicos, no interior do Rio Grande do Norte, onde o mestre P.F. voltou 30 anos depois. Foi em Angicos que ele começou uma grande aventura pedagógica.

Leandra Leal: Só um ano depois de Angicos, gravamos em São Paulo, a entrevista com o professor. Durante esse tempo, o nosso programa mudou, virou Globo Ciência Saúde e só agora, em julho de 1996, nós nascemos!

Patrick de Oliveira: Sorte a nossa, poder apresentar hoje, para vocês, um pouco da obra e do pensamento de P.F.

Jaime Leibovitch: Sorte e desafio falar de P.F. na TV. Para vocês terem uma idéia, vejam o novo livro que acaba de ser lançado: “Paulo Freire - uma biobibliografia”, 765 páginas de vida, luta, prazer, pensamento, diálogos e a presença dos companheiros de trabalho. Ouçam o que um deles, o Diretor Geral da Unesco, Frederico Mayor, escreveu:

Leandra Leal: ...“Paulo Freire, em homenagem a ti, vamos desarmar os livros de História repletos de inimizades e de sangue. Vamos contar às crianças e jovens as belezas tratadas pelos escritores, poetas, artistas, cientistas, intelectuais...

Jaime Leibovitch: ... Em homenagem a ti, vamos revisar os sistemas educacionais, a partir da perspectiva da aprendizagem e não do ensino.”

Patrick de Oliveira: Pedagogia do exemplo: a palavra não pode ser desautorizada a toda hora pelo comportamento.

Leandra Leal: São tantas palavras e tantos textos para P.F., e além das palavras: já, já, aqui no Globo Ciência você vai ver:

Jaime Leibovitch: ... as imagens históricas da experiência de alfabetização em Angicos, em 1963. Trezentos trabalhadores rurais foram alfabetizados em 45 dias e em 40 horas;...

1963

História e Memória

Patrick de Oliveira: ... as imagens inéditas do reencontro de P.F. com seus velhos companheiros e alunos, e o reconhecimento da cidade 30 anos depois;...

1993

História e Revisão

Leandra Leal: ... um novo projeto-piloto de alfabetização, seguindo os princípios pedagógicos de P.F., está atendendo quatro comunidades carentes de Niterói;...

1996
História e Atualidade

Jaime Leibovitch: ... e você vai ver também: uma entrevista com o professor P.F.

Patrick de Oliveira: O Globo Ciência está começando!

Globo Ciência

Leandra Leal: P.F. nasceu em Recife, Pernambuco, no dia 19 de setembro de 1921.

Jaime Leibovitch: Segundo “O livro do bebê”, que sua mãe escreveu, P.F. era muito sensível. As palavras são dela: “Na hora de adormecer, chama o pai com os nomes mais amorosos e diz:

Patrick de Oliveira: ‘Toca violão bem baixinho e canta para eu dormir?’”

(Béradêro
Música de Chico César)

Chico César/compositor: Esse... esse verso, nesses dois últimos versos: “A cigana analfabeta/lendo a mão de Paulo Freire”, eles nasceram antes de toda, do resto da música, do resto do poema, do resto da letra. Isso eu escrevi, no tempo que eu ainda estudava Jornalismo na Universidade Federal da Paraíba e a discussão sobre o nacional, o popular, ainda era algo presente na nossa escola. A gente tentando entender formas populares de comunicação, e de repente me ocorreu, eu tive esse *insight* de algo visionário, uma espécie de Tirésias, uma cigana ensinando o mestre a ensinar, ensinando o P.F. a ensinar. Isso na minha cabeça, no meu entender, tem tudo a ver com o seu jeito de compreender a Educação.

(música)

Jaime Leibovitch: P.F. teve uma infância muito feliz. O pai morreu quando ele tinha 13 anos. A família passou viver no doce Parajaboatão, e o que foi dificuldade na época, virou patrimônio. Convivendo com adolescentes, filhos de operários e camponeses, o jovem P.F. aprendeu a forma de se expressar das pessoas simples. P.F. tinha 20 anos quando entrou na Faculdade de Direito do Recife. Formou-se, mas nunca exerceu a profissão. Dedicou-se sempre a projetos de alfabetização de adultos. Nascia então, a “Filosofia de Paulo Freire.” Na época, ainda não se falava “Método Paulo Freire”. Nascia dos círculos de cultura, onde o diálogo entre trabalhadores e educadores apontava soluções tão criativas que P.F. percebeu: o diálogo, a

compreensão dos problemas e o exercício da crítica precisavam estar presentes numa experiência de alfabetização.

As 40 Horas de Angicos
Produção do Serviço Cooperativo de Educação do Rio Grande do
Norte - SECERN
1833
ANGICOS

narrador: Em Angicos, uma pequena cidade no sertão do Rio Grande do Norte, à beira da antiga estrada de ferro, começara uma revolução.

Jaime Leibovitch: Era também a época da aliança para o progresso criada pelo presidente dos Estados Unidos, John Kennedy. Na época, a Secretaria de Educação do Estado filmou a experiência. O dono do filme é ufanista, emocional, um valioso documento brasileiro.

Extraído de “As 40 Horas de Angicos”

Arquivo TV UNIVERSITÁRIA
Natal

Jaime Leibovitch: Os jovens estudantes foram para Angicos no final de 1962; foram pesquisar o universo vocabular da região. Começaram a alfabetização em janeiro de 1963. Poucos dias depois, 300 trabalhadores estavam alfabetizados. A experiência ficou conhecida nacionalmente, quando o então presidente João Goulart esteve em Angicos. P.F. foi convidado para coordenar o Plano Nacional de Alfabetização, mas veio o Golpe Militar de 64 e P.F. passou mais de 70 dias na prisão antes de partir para o longo exílio.

P.F. trabalhou incansavelmente na Bolívia, no Chile, nos Estados Unidos e na Suíça. Na década de 70, assessorou vários países da África recém libertados. Autor de uma obra vastíssima, seus livros foram traduzidos em mais de 20 línguas, inclusive, chinês e grego. É doutor *honoris causa* por 28 universidades brasileiras e estrangeiras. Mais de 10 livros sobre P.F. já foram publicados nos Estados Unidos e na Inglaterra. Em Estocolmo, na Suécia, ele é estátua ao lado de Mao-Tsé-Tung, do poeta Pablo Neruda e da militante Ângela Davis. Faz parte de um reduzido número de brasileiros que influenciaram o pensamento de uma parte do mundo por sua vida, sua teoria do conhecimento, sua filosofia da Educação.

Massimo Canevacci/antropólogo: Eu queria lembrar só uma figura como P.F. que elaborou uma forma pedagógica muito interessante, e foi uma forma pedagógica utilizada em muitas partes do mundo contemporâneo.

Jaime Leibovitch: P.F. voltou ao Brasil em 1979 e não parou mais de trabalhar: pensa, discute, escreve. É o mais convidado de todos os professores. Está sempre num palco, diante de uma platéia ávida. Em todos os auditórios onde vai trabalhar, P.F. deixa as sementes de sua teoria e as marcas das suas posições corajosas: Vídeo Educação em São Paulo, debate com professor em Natal, os ares do Nordeste, o calor, o sol e os amigos de Natal aquecem o professor. Acompanhado de sua segunda mulher, a educadora Ana Maria Freire, P.F. está chegando para o Fórum Sobre Educação e Revisão Constitucional. Agosto de 1993, viagem histórica. P.F. está adoentado, mas mesmo assim fala para um auditório repleto, sobre a questão da escola pública e sobre a razão da esperança:

Paulo Freire/Natal - agosto de 1993: A razão da esperança está numa reunião como essa (*palmas*). Quando você vê uma quantidade de jovens, porque... olha... puxa... aqui, tudo é neto meu quase (*risos*). Eu sou o testemunho da História para eles, porque isso, eu sou um velhinho pra eles (*risos*). Só que eu sou moço ainda (*palmas*).

Jaime Leibovitch: E nesta mesma manhã, Ana Maria Freire fala sobre a história da produção do analfabetismo no Brasil:

Ana Maria Freire/professora: O que acontece hoje, os resultados de hoje, as dificuldades de hoje, nós trazemos isso secularmente, é o custo e o histórico brasileiro que está determinando isso e pra gente romper, a gente só pode romper conhecendo.

Jaime Leibovitch: O seminário trouxe ainda, à Natal, o professor Carlos Alberto Torres, biógrafo de P.F. e o professor Moacir Gadotti, diretor do Instituto Paulo Freire, que veio para discutir Gestão Municipal num Grupo de Trabalho.

Natal: aqui é o lugar de muitos reencontros. Na Secretaria de Educação, o abraço de velhos companheiros, como o ex-governador, Aloísio Alves.

narradora: Faz calor na estrada, para a pacata cidade de Angicos, a 180 quilômetros de Natal. Na entrada da cidade, que abrigou uma das mais ousadas experiências de alfabetização: o Pico do Cabojo, a torre de televisão, as obras nas casas populares.

POR QUÊ?

Jaime Leibovitch: P.F. está chegando. É uma viagem sentimental. Com ele, estão também, 8 dos 21 monitores, que há 30 anos viveram as 40 horas de Angicos. No clube recreativo da cidade, estão também os ex-alunos; todos já mais velhos, todos emocionados.

narradora: Flores para Ana Maria Freire, cumprimentos, autógrafos, agradecimentos. Os jovens de Angicos se vestem de ciganos e dançam para o professor.

Antonio Manuel/ex-aluno: Foi uma emoção, uma felicidade e uma fortuna grande ele estar hoje aqui, na cidade de Angicos.

Paulo Freire/Angicos - agosto de 1993: Eu tenho tido na minha vida, experiências assim na África, na Europa, nos Estados Unidos, em países do Caribe, da América Latina que, em nenhum desses lugares, eu fiquei mais tocado do que aqui e agora (*palmas*). É... não dá, não dá pra falar (*palmas*).

Jaime Leibovitch: Emocionado, o professor posou para fotos e depois confessou:

Paulo Freire: Eu considero Angicos um dos pontos, um dos momentos e um dos locais em que muita coisa de, de meu trabalho, de meu pensamento se encontra enraizado.

PARA QUÊ?

Jaime Leibovitch: O grupo continua sua jornada revisitando Angicos. Outros ex-alunos esperam por P.F. na escola estadual. Um deles fala do medo que sentiu dos cadernos queimados, da experiência interrompida.

Severino Araújo/ex-aluno: E os nossos papel, e nossos cadernos que nós tinha, queimemo tudo, tudo com medo.

narradora: P.F. entra na igreja de Angicos e depois visita o Colégio de São José, onde ensinou aos jovens universitários da época, que hoje, posam para a foto histórica.

Memória

narradora: A cidade toda quer ver, quer reencontrar P.F. e, quer também guardar de lembrança a foto na porta do colégio com o professor bem no meio.

Documento

A FAVOR DE QUÊ?

Jaime Leibovitch: A última etapa da viagem. Na câmara municipal, P.F. é homenageado: discursos, a mesa enfeitada; outro palco na vida do professor, talvez o mais bonito e o mais singelo de todos os palcos.

História

narradora: As ruas calorentas, as casas silenciosas, o Pico do Caboji, a torre de televisão. Esta paisagem de onde P.F. foi banido como inimigo de Deus e da Pátria, hoje, pode recebê-lo como filho. Em sintonia com o mestre, na dimensão da palavra “esperança”, a palavra geradora de vida.

roteiro e direção
Theresa Walcacer

edição de imagens
Marcus Vinícius Cavalcante

pesquisa
Leticia Fonseca

Leandra Leal: Em Angicos, na festa que a cidade fez para receber P.F., em agosto de 1993, um grupo de estudantes dançou para o professor. As meninas de Angicos, naquela época, explicaram porque escolheram os ciganos para a homenagem ao professor.

Aíra (estudante): Porque é uma... uma cultura que 'tá se acabando, cada dia mais que passa no nosso país queria voltar tudo a...

jornalista: E... e você falou que é uma cultura que 'tá se acabando. Aonde que essa cultura 'tá se acabando?

Aíra (estudante): Aqui no Nordeste como em todo o Brasil

Patrick de Oliveira: E aí, tem uma grande coincidência: dois anos depois de Angicos, fomos ouvir o compositor Chico César que viu uma cigana com P.F.

Jaime Leibovitch: Bom, e só mesmo quem ama a cultura popular, quem dá valor às manifestações do povo pode entender a brincadeira que vamos fazer:

Leandra Leal: É um momento lúdico. Só pra lembrar, eu acho que tem uma cigana na sua vida, professor. E como eu também já fui cigana, eu vou dançar pro P.F.

Jaime Leibovitch: A experiência de Angicos ficou na História. Mas ainda hoje, lá, muita gente continua perguntando: “Por que acabou?” Quem responde é o professor Moacir Gadotti, diretor do Instituto Paulo Freire:

Moacir Gadotti/diretor do Instituto Paulo Freire: Na verdade, em Angicos, estava se tramando, já com a presença, no dia da visita do Presidente da República, João Goulart, estava se tramando já o Golpe de 1964. Angicos resumiu nesse dia, dois projetos de sociedade: um projeto democrático, um projeto de desenvolvimento autônomo representado no presidente João Goulart e, do outro lado, um projeto que se confrontava com esse projeto, representado pela presença do Marechal Castelo Branco, também em Angicos. Venceu o segundo. Mas o projeto democrático não morreu, porque 25 anos depois, ele ressuscitou. Em 1985, o brasileiro conseguiu responder a essa pergunta: “Por que que acabou?” Mas finalmente, o primeiro projeto de desenvolvimento com autonomia, com democracia voltou e, hoje, nós estamos nesse novo tempo.

Novo Tempo

Jaime Leibovitch: Projeto PELE: Projeto de Educação, Leitura e Escrita. Cerca de 150 pessoas estão sendo alfabetizadas em Niterói.

Leandra Leal: Professores, alunos, toda a comunidade participa desse projeto que segue os princípios pedagógicos de P.F.

Patrick de Oliveira: Isso mesmo: Princípios Pedagógicos, já está na hora de você aumentar o seu vocabulário e saber o que são Princípios Pedagógicos. Não é nada complicado, é até muito simples e transparente:

Jaime Leibovitch: P.F. acredita que a educação pode transformar a sociedade. É por isso que ele quer que o aluno saiba PORQUÊ?

Leandra Leal: COMO?

Patrick de Oliveira: CONTRA QUÊ?

Jaime Leibovitch: PARA QUÊ?

Leandra Leal: CONTRA QUEM?

Jaime Leibovitch: A FAVOR DE QUÊ?

Patrick de Oliveira: A FAVOR DE QUEM?

professora: Quem é livre tem...?

aluno: Liberdade.

professora e alunos: Liberdade!

narradora: É assim que a professora Rosa Dopeke, de apenas 25 anos traz para a sala de aula os princípios pedagógicos do professor. A palavra “Liberdade” que está

no quadro negro é o termo gerador, a semente de novas idéias. Ela foi escolhida porque essa aula foi dada na Semana da Pátria.

professora: ... e vocês vão utilizar as letras da palavra “Liberdade”, pra falar sobre o que é Liberdade, o que é ser independente.

narradora: O projeto PELE não é um projeto isolado, faz parte da proposta pedagógica da cidade de Niterói no estado do Rio, uma pedagogia para a inclusão. É mais um esforço para dar às comunidades carentes, espaços para aprender e ensinar, com simplicidade e palavras que fazem parte do dia a dia, os alunos vão alfabetizando-se.

Argentina Mastiz/aluna: Eu adoro estudar, gosto muito... e é bom, né, que a gente... e eu já não sei, eu não leio nem. Quero aprender um pouco, né?

Rosa Dopeke/professora: Eles estão aprendendo e eu estou aprendendo, quer dizer, é uma Pedagogia Libertadora.

Geralda da Silva/aluna: ... doida para chegar a hora pra mim vim pra cá.

jornalista: Por quê?

Geralda da Silva: Ah, porque aqui a gente distrai. Um fala uma coisa, outro fala outra, aí a gente distrai.

narradora: No final da noite, hora de ir para casa, a sala de aula fica vazia e, as cabeças cheias de sonhos. O Globo Ciência foi com dona Geralda até a casa dela, descobrir onde moram estes sonhos.

jornalista: Daqui a pouco então, a senhora já vai estar escrevendo cartas de amor, é isso?

Geralda da Silva: É, que é isso que eu quero, né? (risos)

jornalista: Pra quem?

Geralda da Silva: Pro meu esposo, né? (risos)

Prazer

Leandra Leal: A experiência de Niterói fica como exemplo. Você conhece alguém que não sabe ler e escrever? Então mãos à obra: alfabetizar é preciso! Nós sabemos que P.F. adora música. Gosta de tango, gosta das belezas da vida.

Jaime Leibovitch: É por isso que nós pedimos ao compositor Chico César, aquele que viu a cigana lendo a mão de P.F., que participasse da nossa entrevista com o mestre.

narradora: Dezembro de 1994, um ano e meio depois de Natal, em Angicos, P.F. já revigorado, recebe a equipe do Globo Ciência para uma conversa informal no Instituto Paulo Freire em São Paulo.

Paulo Freire, por ele mesmo

Paulo Freire: Eu sou sentimento, eu sou desejo, eu sou... sou pecado, eu sou virtude, eu sou timidez, eu sou medo e eu sou coragem, quer dizer, no fundo eu sou tudo isso. E, e eu sendo tudo isso, eu não vejo porque não deva me experimentar nessas dimensões todas, que nos constituem e que também são constituídas por nós nas relações, no mundo com os outros e com o meio. Então, por isso mesmo é que, é que eu faço menos do que Nita, minha mulher, mas eu faço meus, meus horários, meus esquemas de trabalho, de tal maneira que eu continue gente.

Chico César: Mestre, e a comida? O que é que você gosta de comer? Qual o prato que você mais aprecia?

Paulo Freire: Pra mim, o bacalhau de côco, o peixe de côco, o feijão de côco, o arroz de côco. Como o camarão ensopado com maxixe de côco. É uma coisa fantástica, entende? A carne de sol, entende? Quer dizer, essas coisas... quer dizer, eu... eu... nisso, e em outras coisas eu confesso a ti que eu sou humanamente bicho!

Chico César: Há um, um dito no Nordeste que fala assim: "Eu sou eu e o jacaré é um bicho." O que é o outro? Que respeito, como é que a gente deve lidar com o outro? Como que é isso pro senhor?

Paulo Freire: Eu acredito que não tenha, não há dúvida nenhuma de que eu possa trabalhar junto com um, um outro progressista que não pensa exatamente como eu, quer dizer, não há porque não, não se juntar aos diferentes. Agora, o que eu não posso, por exemplo, é, é trabalhar no mesmo plano com reacionários; não dá, porque os objetivos deles não tem nada que ver com os meus. Vamos tomar assim, um exemplo muito concreto, em termos de Educação. Para mim, por exemplo, uma, uma Educação correta é a Educação, para esse país, é a Educação que se preocupa fundamentalmente com o exercício democrático, por exemplo. O que vale dizer: é uma Educação que, que se funda na, na capacidade ou, na virtude, ou na qualidade que a gente tenha e, que a gente estimule, desenvolva, da tolerância. Tolerância pra mim, é, não é convivência, eu não posso, por isso é que eu não posso fazer acordo com o oposto a mim, com o contrário total de mim, mas eu posso fazer acordo com o

diferente de mim. Eu defendo uma, uma Educação que, que respeita profundamente a unidade, a integridade cultural, a identidade cultural do aluno. E, que por isso mesmo, a Educação que respeita, que respeita os conhecimentos com que o aluno chega à escola. Mas há escolas que, que admitem que o conhecimento só existe a partir delas e, não apesar delas, entende?

Chico César: Nesse fim de século, o Brasil convive com, ao mesmo tempo, com a pobreza, com a palafita e, com meios de comunicação, de interação, super elaborados, avançados: fax, internet, computadores, informática. Como é que o Educador pode, deve conviver com esses novos meios e com essa diferença, com essa realidade tão complexa?

P.F.: Eu acho que a escola 'tá longe de tudo isso, entende, e precisa estar perto e vejam bem: eu não tenho dúvida nenhuma de que é possível atualizar muito mais a escola, mesmo até antes de a gente poder usar instrumentos tão altamente tecnológicos como esses. Eu acho que uma das coisas que estão faltando à Educação brasileira, é também de um lado, aquele, aquele descaso pela, pela curiosidade epistemológica, mas do outro, é o descaso pela criatividade das pessoas, quer dizer, essa mania, por exemplo, muito autoritária de, fundando-se no despreparo, despreparo do professor preparar módulos, preparar pacotes de receitas pro educador seguir exatamente o que uma equipe de inteligentes e sábios, e iluminados faz no gabinete, milhares de quilômetros de distância do contexto do professor. Isso, isso é um desrespeito ao professor. Veja bem, não estou condenando materiais que ajudem o professor a se tornar melhor professor. Não, isso a gente tem que ter, mas o que eu acho é que isso só funciona, na medida em que, eu exercito a curiosidade crítica do educador. No fundo, tudo o que a gente precisa é o que eu chamo de formação permanente do educador e, a formação permanente do educador passa pela reflexão crítica que o educador exerce sobre sua prática, quer dizer, é discutindo a prática e não lendo bilhetes da equipe que você, que você forma o educador.

Discutir a Prática

Patrick de Oliveira: E a turma do Globo Ciência vai ficando por aqui.

Jaime Leibovitch: É, mas eu quero falar uma coisa, uma última coisa: vocês sabiam que P.F. faz aniversário no dia 19 de setembro?

Leandra Leal: Na próxima quinta-feira. Então, vamos terminar nosso programa de hoje, desejando parabéns:

Leandra Leal/J.L./menino: Parabéns, P.F., saúde e muitas felicidades!

Jaime Leibovitch: Nós desejamos para o senhor um Brasil do jeito que o senhor sonha: feliz, digno, com saúde, lendo, escrevendo e pensando.

Leandra Leal: Já viu? Pensar um país é um grande prazer e, disso, P.F. sabe como ninguém!

Patrick de Oliveira: Passe a semana pensando.

Leandra Leal: Até o próximo Globo Ciência!

ESTE PROGRAMA É DEDICADO AOS TRABALHADORES DE

ANGICOS

FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO

Transcrição 2:

FITA N° 11.212.3(1)

PAULO FREIRE CONVERSA COM PATRICK

PAULO FREIRE

Patrick Clarke: Eu conheci Paulo Freire, em Paris, em 74, num seminário de uma entidade chamada INUDEP, quer dizer, uma entidade que tinha a ver com o desenvolvimento do Terceiro Mundo. Ele 'tava lá, dando um seminário de vários dias. Foi durante o tempo que ele era membro do conselho mundial de igrejas. Naquele tempo, ele viajava muito pra África, sobretudo nas colônias, ex-colônias portuguesas, fazendo um trabalho de alfabetização naquelas colônias liberadas, vamos dizer, do colonialismo. Então, eu já tinha lido a *Pedagogia do Oprimido* e outras coisas dele e, de repente, eu me vi no seminário que ele 'tava conduzindo e me aproximei, e daí, começou a ligação que depois se concretizou mais ainda no Brasil, porque em 74, estava eu, já me preparando pra vir pro Brasil e, cheguei aqui, ele 'tava ainda exilado, mas ele chegou um ano, em 80 e, a partir disso, nós concretizamos o trabalho junto com os movimentos sociais, movimentos populares e, sobretudo, naquela época, na área de alfabetização porque surgiu bastante interesse e trabalho e, a preparação de monitores para fazer esses círculos de alfabetização. Estava sempre assessorado por ele, até pessoalmente, e pela esposa dele e outras pessoas ligadas a ele. Então, esse foi o contexto, dentro do qual a gente se conheceu e desenvolveu o trabalho que hoje deu bastante fruto.

De 80 para cá o trabalho desenvolvido com Paulo Freire foi muito na área de alfabetização. Ele costuma dizer, aliás, ele tem duas frases, eu acho, fundamentais para quem esteja nesse tipo de trabalho. Uma das frases é a seguinte: "É fundamental você discutir o óbvio, porque o óbvio é aquilo que a gente perde, acha que não é importante, é inútil, portanto passa por cima." A segunda frase é: "Se a galinha quer atravessar a rua, ela tem que sair do lado de cá, do lado onde ela está, para chegar do

lado de lá. E nós: teóricos, assessores, sonhadores de movimentos e coisas, nós achamos que não: se a gente quer atravessar a rua, a gente já saiu de lá, e não de cá. Intelectualmente, a gente faz esse pulo e, afetivamente, a gente fica a atravessar, ou seja, não coerente com o discurso que a gente pratica.” Então, nesse sentido, ele foi fundamental até pro AMDEF, no sentido de nos ajudar a sempre manter uma certa coerência com a proposta que nós tínhamos: de uma transformação junto com o pessoal de favelas, com uma prática miúda de estar no chão, de estar nas bases, estar saindo de capa, chegar lá, estar discutindo o óbvio para não cair num discurso contraditório de achar que o óbvio é a alienação. Então, ele teve um papel de intelectual, de parceiro, parteiro, companheiro, até amigo, nesse processo todo, que é um processo de transformação, de acreditar que você pode mudar, mesmo você sendo muito humilde e muito pequeno. Você pode e você deve sonhar a transformação desse mundo.

Construindo a Inteligência

Paulo Freire: Há dois anos atrás, eu tive uma, uma, dois anos ou três, uma experiência que eu achei uma coisa de... Eu fui convidado por, por um grande grupo de camponeses no Rio Grande do Sul, que trabalhava na... nos movimentos dos sem-terras. Eu fui convidado pra dar uma última aula a um grupo de, de, de camponeses, filho de camponeses, educadores que iam, jovens que iam então, partir para uma campanha de alfabetização em alguns assentamentos dá, dá, dá... feitos, idealizados por eles, pela sua luta. Então, esse grupo tinha conquistado uma enorme fazenda no Rio Grande do Sul e, na solenidade, falou um dos, um dos monitores, um dos educadores, um homem moço e, ao mesmo tempo, um militante que tinha... participava da... desde o começo da luta para conquistar aquela terra e ele fez um discurso, onde, em certo momento disse, disse mais ou menos isso: disse: “Quando, quando nós, à custa de nosso esforço, de nossa luta, de nossa esperança, conseguimos cortar os arames do latifúndio e entramos fisicamente na terra que era propriedade exclusiva dos, dos ricos, nós descobrimos que havia muito ainda que caminhar, porque descobrimos que havia obstáculos em nós mesmos e, esses obstáculos, entre eles, por exemplo, o da nossa ignorância. Quanto mais ignorantes, tanto menos... quanto menos pudéssemos ler a palavra, tanto mais facilmente com os donos da vida podiam dormir em paz. Pelo contrário: quanto mais melhorássemos nossa memória,...

- Achei lindo isso porque, luz da memória, ia falar a memória como, como capacidade captadora da realidade, como inteligência. - ... quanto melhor trabalhássemos nossa memória, quanto mais pudéssemos ler as palavras, tanto mais medo criaríamos nos poderosos, por isso o nosso sonho agora é transformar este enorme ex-latifúndio num grande círculo de cultura." Você veja, quer dizer, a compreensão que esse homem possivelmente, possivelmente não, certamente alfabetizado porque ele é, inclusive, professor dos colegas, mas você vê a capacidade, que tinha esse homem de entender num, num... de perceber a força da cultura na luta pela libertação, quer dizer, no fundo, ele estava, sem saber, repetindo uma, um dos discursos mais importantes deste fim de século, de revolucionário que foi exatamente Amílcar Cabral, quer dizer, o grande líder africano da libertação da África deste século agora, que foi assassinado obviamente, pelo, pelo, pelo Colonialismo, quer dizer, é, é exatamente a importância, ele tinha afinal de contas uma compreensão da cultura que se poderia dizer, que era gramsciana, quer dizer, ele vem de, vem de Grams também aquilo... sem ele saber de Grams, coisíssima nenhuma.

Frente a um dado concreto, e isso é que se chama inteligência, quer dizer, a inteligência se cria, se constrói, não se recebe, quer dizer, a gente vai construindo a inteligência na luta para compreender e mudar o mundo. É aí que a inteligência se faz, se constrói, e se dá. Piaget também já disse isso, quer dizer, esse cara aí, é piagetiano, gramsciano, cabraliano, sem saber, quer dizer, pra você ver como, como o homem do povo também é culto.

Ideologia e Prioridade

Paulo Freire: Eu tenho raiva, não é do senhor Paulo Maluf. Eu tenho pessoalmente, eu tenho, tenho raiva e, e brigo e protesto, é da ideologia que ele encarna, 'tá entendendo, ele e os que o seguem, não é dele pessoalmente. Isso, isso há muito tempo a minha... o nível de minha consciência política e de minha consciência de classe me fez distinguir que há as individualidades aí dentro, quer dizer, ele é um homem que necessariamente tem que fazer isso, porque ele tem o direito, primeiro: de existir e ter, quer dizer, segundo: ele tem o direito de ter uma opção política, que é o da Direita, é a opção dele; terceiro: eu tenho o direito de não cair na opção dele, não repetir a opção dele, não trabalhar pela opção dele, pelo contrário, de trabalhar contra a opção dele. Esse é um direito que nós dois, ele e eu, temos, entende. Então o que eu

puder fazer para derrubar, não ele pessoalmente, ele vem aí de, de, de, de enxerido. O que, o que eu quero derrubar é exatamente a concepção de mundo, a concepção de vida centrada apenas nos grandes viadutos. Pra mim, os viadutos são a gente, somos nós, quer dizer, é a prioridade sobre nós mesmos.

Guerra de Classes e Indignação

Paulo Freire: Uma massa popular que vem sendo historicamente negada de ser há, há 500 anos, um dia, um dia chega e isso, quer dizer, ela entra e eu acho que o Brasil vive hoje, uma experiência de guerra, de guerra de classes e, não de luta de classes, quer dizer, o ideal é que essa guerra de classes que a gente tem, em que a burguesia se prende, como a gente aqui, se fecha com medo e a massa popular ou, alguns representantes da, da, das lideranças populares, são lideranças de guerra, de, de, de, de malvadez. Então, se mata no Rio de Janeiro como, como se bebe água. Eu acho que isso também é, é o... explicita a outra malvadez, a malvadez fundamental, a malvadez principal, que é a malvadez que criou esse tipo de estrutura social absolutamente injusta. De modo geral, a gente não vê que a malvadez primeira, o pontapé inicial dessa partida, estranha, desse jogo estranho, que a gente vive no Brasil, quem iniciou isso há muito tempo foi a burguesia e não a massa popular, quer dizer, foi o “ter” colonial que começou a fazer isso, foram as classes dominantes brasileiras que iniciaram o processo de violência de negação da vida, do, do subalterno, quer dizer, hoje, nesse processo histórico é... acho... alguns representantes dessas massas populares aprenderam também a ser malvados e, aí, ‘tão matando gente. Quer dizer, eu, eu, eu não posso deixar, eu não posso esconder que também tenho medo. Eu não vou a certos recantos de São Paulo de noite. Não, não tem porque fazer uma experiência dessa porque depois, quando o moço chegar pra me agredir, não vale dizer: “Escrevi a *Pedagogia do Oprimido*.”, porque ele me mata do mesmo jeito, entende, quer dizer, eu acho que a gente deveria, com, com uma consciência tranqüila, mas alerta, desperta, a gente devia assumir uma posição de indignação, quer dizer, a gente deveria ficar indignado, mas não indignado com relação ao favelado que me mata, mas indignado com a situação histórica, política, social e econômica que cria possibilidade de eu ser morto pelo desgraçado. Eu acho que é isso, sem meter nisso, nenhuma posição cristã de doação, nada disso, eu não quero doar minha vida não. Eu quero mantê-la, exatamente, para poder continuar a

me dar por ela, quer dizer, eu acho que a gente devia assumir uma postura indignada constantemente contra isso, no sentido de que as razões desta violência desapareçam. Tem muita gente, e eu também entendo, tem muita gente que acha que a razão dessa violência desapareceria com a pena de morte no Brasil. Eu acho que isso é uma ingenuidade, mas os ingênuos têm direito também, de ser ingênuos, quer dizer, eu não votaria pela pena de morte, mas eu entendo quem propõe a pena de morte.

A Briga pelo Futuro

Paulo Freire: Eu, eu acho que só quem não briga é quem não tem futuro, e quem não tem futuro não tem presente, entende, porque o futuro, afinal de contas, não é, não é uma província que fica distanciada de mim, muito além de mim, à espera de que eu chegue lá e... pelo contrário, eu sou o fazedor do futuro. Quando eu digo eu, eu 'tô dizendo nós, quer dizer, uma quantidade x de gente que pensa mais ou menos igual, diferentemente, mas que tem o mesmo sonho e por isso é que tem, é que não é possível esquecer a ética, quer dizer, você não pode fazer coisas que a Ciência permite, mas que possivelmente, do ponto de vista ético, não deve ser feito. Ora, se eu penso assim eu, eu não...eu, eu... ao pensar assim, eu estou pondo em cima da mesa, para mim, a possibilidade ou não de lutar, quer dizer, a luta passa a ser um ingrediente fundamental da existência humana e, eu até diria: a luta é ingrediente fundamental da vida e, somos nós, enquanto gente, enquanto povo, enquanto gás social e, também, enquanto indivíduos, que temos que, transformando o presente com o aprendizado que a experiência do passado nos deu, criar o futuro.

Eu, que entendo a História como uma possibilidade, compreendo então, grande responsabilidade que temos nós como, como, como fazedores desta história que por sua vez, também nos faz. O futuro é uma invenção da gente e, não um, um, um, um, um presente dos céus. Eu não nasci pra apenas assistir ao mundo como está. Eu estou aqui e isso me satisfaz como cristão; eu não posso me compreender cristão de braços cruzados, de jeito nenhum, mas me satisfaz também como Pedagogo, como pensador, quer dizer, eu, eu estou felicíssimo porque sei que tenho um mínimo de possibilidade de mexer na estrutura do mundo...

Patrick Clarke: ... portanto...

Paulo Freire: ... e por isso eu não sou obrigado a dizer que o que está aí, tem que se repetir, 'tá entendendo, eu brigo para que não se repita.

O Papel dos Movimentos Sociais

Paulo Freire: Eu acho que o papel dos movimentos sociais, é um papel importantíssimo de natureza política, de natureza ética, de natureza estética. Eu, eu não afasto a boniteza de nada, entende, quer dizer, eu acho que os, os movimentos tem que, a própria... os movimentos teriam que encarnar os movimentos populares, que encarnar a boniteza da libertação, entende, e, e lutar por ela, também...

Patrick Clarke: ... a poesia da libertação...

Paulo Freire: ... a poesia da libertação, entende, que para mim, não existe sem ela, entende. Eu, eu não digo que... é preciso deixar claro aos movimentos que eu, não 'tô propondo que, eles agora fiquem em casa em dia de sábado, lendo poema. Não é isso, não, é brigando, é que entendam a sua briga como um grande poema, entende, como, como, como sonetos, entende, como epopéias, quer dizer, a briga é, é uma coisa bonita e, sendo bonita, necessariamente, também é ética. Quanto mais os movimentos populares aceitem e entendem que o amanhã é um trabalho de produção dele, quer dizer, exige de mim e de nós, que transformemos o hoje para fazer um amanhã diferente do ontem. Quanto mais eles pensam assim, tanto mais eles ganham o sentido da utopia.

**um vídeo de
SATIE WADA
PATRICK JOSEPH CLARKE
JULIO WAINER**

**edição
MOMI W. OLIVEIRA**

**editado na
REC PLAY
1994**